

## CANDEAL: OCUPAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DE UM BAIRRO EM SALVADOR – BAHIA (SÉCULOS XVIII-XX)<sup>1</sup>

Maria das Graças de Andrade Leal<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa o processo de ocupação e constituição do bairro denominado Candéal, localizado em Salvador-Bahia, observando aspectos de relevância histórica referentes a um espaço comunitário urbano de matriz africana, associados às transformações fundiárias processadas na Bahia, desde o século XVIII. São apresentados os elementos que apontam para as origens da antiga Freguesia de Brotas, atual bairro de Brotas, a fim de contextualizar a região do Candéal na formação territorial dos processos de expansão urbana, durante os séculos XIX e XX. Além da formação territorial, focaliza-se o Candéal, a partir das ocupações que sofreu e, em especial, a trajetória da família dos africanos Mendes e Santa'Anna, no esforço de construir sua genealogia até meados do século XX.

**Palavras-Chave:** transformações fundiárias na Bahia do XVIII; história do bairro do Candéal-Salvador-Bahia; trajetória de famílias africanas e afro-brasileiras em Salvador; expansão urbana nos séculos XIX e XX.

### CANDEAL: OCCUPATION AND ESTABLISHMENT OF A NEIGHBORHOOD IN SALVADOR - BAHIA (XVIII-XX CENTURIES)

**Abstract:** This article examines the process of occupation and constitution of the neighborhood called Candéal, located in Salvador-Bahia, observing aspects of historical significance relating to an urban community space of African origin, associated with land transformations processed in Bahia, since the eighteenth century. Thus, the elements that point to the origins of the ancient Parish of Brotas, current neighborhood of Brotas, are presented in order to contextualize the region Candéal in territorial formation in the processes of urban expansion during the nineteenth and XX. Beyond its territorial formation, Candéal is focused from occupations that suffered and, in particular, from the trajectory of the african family Mendes and Santa'Anna in an effort to build their genealogy back to the mid-twentieth century.

**Keywords:** land transformations in Bahia eighteenth; history of Candéal-Salvador-Bahia neighborhood; trajectory of African and african-Brazilian families in Salvador; urban expansion in the nineteenth and twentieth centuries.

---

<sup>1</sup> Este texto é resultado de pesquisas realizadas no âmbito do projeto que coordeno “Elos de Trabalho” e da Linha de Pesquisa Trajetórias de Populações afro-brasileiras do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local da Universidade do Estado da Bahia.

<sup>2</sup> Professora titular da Universidade do Estado da Bahia, no Departamento de Ciências Humanas/Colegiado de História e Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local do Campus V. Doutora e pós-doutora em História Social. E-mail: [gal.leal@yahoo.com.br](mailto:gal.leal@yahoo.com.br).

Este artigo analisa o processo de constituição do bairro denominado Candeal, observando aspectos de relevância histórica referentes às origens territoriais, desde o século XVIII, de uma comunidade urbana, construída sobre as bases africanas, e suas transformações no período de expansão urbana, nos séculos XIX e XX. O Candeal é uma das várias ramificações que compõem o atual Bairro de Brotas, em Salvador-Bahia, localizado entre Brotas, o Horto Florestal e a Avenida Juracy Magalhães Júnior. Por ter sido um bairro originado de fazendas, roças, engenhos, até meados do século XX era caracterizado como zona rural.<sup>3</sup> Sua denominação está relacionada a uma mata de candeias, existente na região. Esta espécie vegetal é utilizada para moirão de cerca, pela sua durabilidade, e produção de óleo, o *alfabisabolol*, de propriedade medicinal e coméstica.<sup>4</sup> Usa-se também sua madeira também é utilizada para a produção de carvão, por gerar pouca fumaça.

No Candeal nasceu o músico baiano Antônio Carlos Santos de Freitas, Carlinhos Brown, que fundou e instalou a Pracatum, Organização Não-Governamental, com o objetivo de criar condições de apoio e desenvolvimento à comunidade local. O famoso Carlinhos Brown, artista nacional e internacionalmente conhecido pelas múltiplas atuações profissionais (cantor, percussionista, compositor, produtor, arranjador, pesquisador e

---

<sup>3</sup> Localizado na parte alta da cidade do Salvador-Bahia, é constituído por um conjunto de morros ladeados pelas avenidas de vale Vasco da Gama, Juracy Magalhães, ACM e Bonocô. Pela sua localização central, é um dos 22 subdistritos de Salvador mais populosos e com infraestrutura que garante certa autonomia para o consumo de seus moradores. Caracteriza-se pela diversidade social de sua população, com as presenças de habitações humildes e de luxo. Brotas possui subdivisões ou ramificações identificadas como: Campinas de Brotas, Engenho Velho de Brotas, Acupe de Brotas, Boa Vista de Brotas, Cruz da Redenção, Cosme de Farias, Pitangueiras de Brotas, Vila Laura, Luiz Anselmo, Candeal, Horto Florestal, Matatu de Brotas e Santo Agostinho. Candeal, por sua vez, está dividido em duas partes: Candeal Pequeno, habitado por famílias de baixa renda, e o Candeal Grande (ou Cidade Jardim), que concentra prédios das classes média e alta. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Brotas\\_\(Salvador\)>](http://pt.wikipedia.org/wiki/Brotas_(Salvador)>); <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/bahia/salvador.pdf>. Acessos em: 07 fev. 2012.

<sup>4</sup> Segundo estudos botânicos, existem várias espécies de candeia, porém a candeia nativa é da espécie *eremanthus erythropappus* e se desenvolve em locais onde os solos são pouco férteis, rasos e com altitudes entre 900 e 1.800m. As áreas de maior ocorrência na América do Sul estão nos Estados de Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro. São árvores bem resistentes a regimes moderados de incêndio. O seu porte varia entre 6 e 12 metros de altura e, devido à folhagem e líquens, o candeal possui uma tonalidade verde-pálido. Na nomenclatura internacional, o candeal pode ser classificado como Elfin Forest (literalmente floresta de duendes), uma fisionomia típica do alto de montanhas tropicais ao redor do mundo. Ver: “Sistema de Manejo para a Candeia – *Eremanthus erythropappus* (DC) Macleisch – a opção do sistema de corte seletivo” por Jorge Faisal Mosquera Pérez, José Roberto Soares Scolforo, Antônio Donizette de Oliveira, José Márcio de Mello, Luís Fernando Rocha Borges e José Fábio Camolesi. Disponível em: [www.dcf.ufba.br](http://www.dcf.ufba.br); Acesso em: 24 jan. 2006. “Ecologia da vegetação do Parque Florestal Quedas do Rio Bonito” por Ary T. Oliveira-Filho e Miguel Fluminhan-Filho. Disponível em: <http://www.dcf.ufba.br/cerne/revistaV5n2.1999/5-artigo-pdf>; Acesso em: 26 jan. 2006.

incentivador musical) e sociais, projetou-se no final dos anos de 1980, ao fundar e liderar o grupo Timbalada, passando, a partir de então, a investir na carreira solo. Divide-se entre a carreira internacional e projetos sociais e culturais. Entre os projetos e programas sociais consolidados no Candéal Pequeno, criados, promovidos e apoiados por Carlinhos Brown, está a Associação Pracatum Ação Social – APAS, que desenvolve, desde 1994, um trabalho fundamentado no tripé “educação e cultura, mobilização social e urbanização”, sendo a música o principal vetor para a formação de crianças e jovens da comunidade. Entre as ações desenvolvidas, pode-se destacar a Escola Pracatum, Tá Rebocado, Pracatum Moda, Pracatum Inglês, Escola Infantil Virgen de la Almudena, Menino é Bom, Plano de Desenvolvimento Comunitário, além de grupos musicais como Grupo Pracatum, Ebanóises, Hip Hop Roots.<sup>5</sup>

Ao longo desta pesquisa, além da fase de exploração bibliográfica, com o intuito de conhecer trabalhos realizados sobre o assunto, buscou-se fontes documentais primárias, ficando constatada através de análise dos dados coletados, a inexistência de estudos sobre o Candéal, na perspectiva histórica, com o objetivo de conhecer suas origens. A produção de cunho acadêmico é constituída de estudos e análises relativos às ações educacionais, culturais e de gestão, implementadas no Candéal Pequeno por Carlinhos Brown. Referem-se, sobretudo, aos campos da administração, educação, mobilização social, comunicação, linguagem musical, cultura, antropologia, das ciências sociais e políticas (LACERDA, 2010; GADÊLHA, 2004; OLIVEIRA JUNIOR, 2004; FERRAZ, 2000). Ao lado de tais estudos, diversos artigos e notícias na imprensa são sucessivamente publicados, no sentido de divulgar as ações sócio-comunitárias e empreendedoras, associadas a Carlinhos Brown no Candéal. Pode-se destacar o livro de Galilea (2004) “El Milagro de Candéal”, vinculado ao filme *El milagro de Candéal*, do cineasta espanhol Fernando Trueba. É um filme

---

<sup>5</sup> Dos empreendimentos culturais que impactaram a cidade do Salvador, idealizados e criados por Brown, estão, ainda, o Candyall Guetho Square (1996), projetado como casa de shows e eventos com capacidade para 2.500 pessoas, e o Museu do Ritmo, inaugurado em 2007, no antigo Mercado do Ouro, na Cidade Baixa. As ações sociais, culturais e educativas, desenvolvidas no Candéal, têm inspirado, nos últimos anos, estudos acadêmicos de mestrado e doutorado, vinculados às áreas da educação, administração, cultura e música, demonstrando a importante ressonância cultural, educacional e de gestão deste complexo formulado e implantado por Carlinhos Brown e todos os associados à batalha pela inclusão cidadã da comunidade do Candéal Pequeno, no processo experimentado no Brasil e no mundo de superação das desigualdades sociais e étnico-raciais. Disponíveis em: <http://www.carlinhosbrown.com.br>; [http://pt.wikipedia.org/wiki/Carlinhos\\_Brown](http://pt.wikipedia.org/wiki/Carlinhos_Brown). Acesso em: 07 fev. 2012.

inspirado na trajetória sóciomusical do bairro e guiado pela música. O octogenário músico cubano Bebo Valdés foi um dos protagonistas presentes, no dia 11 de setembro de 2004, durante a primeira exibição realizada no Candeal, quando se reuniram a comunidade, líderes comunitários, artistas, intelectuais, jornalistas, entre outros participantes nacionais e estrangeiros da Jornada de Cinema da Bahia (GUERREIRO, 2005).

Na sua dimensão histórica, o bairro do Candeal se caracteriza em tema original, por representar um exemplo de espaço comunitário urbano de matriz africana, associado às transformações fundiárias e urbanas processadas na Bahia, desde o século XVIII. Em especial, constitui-se em temática a ser estudada, na perspectiva da historiografia recente sobre a escravidão, em que são analisadas, entre outras dimensões, trajetórias de famílias escravas e libertas no Brasil e na Bahia em particular. No âmbito da historiografia brasileira que discute temas dos campos da história social, cultural e do cotidiano, a historiografia da escravidão vem redimensionando, desde os anos de 1980, as abordagens que tomam como parâmetro as experiências escravas, vinculadas às práticas cotidianas, resistências, aos modos de viver, pensar e agir nos espaços de enfrentamento e negociação, face aos projetos de liberdade e às estratégias de sobrevivência, construídos por homens e mulheres escravizados no Brasil. Neste contexto, estudos recentes sobre a família escrava, bem como as relações entre escravidão e liberdade, trajetórias de libertos e ex-escravos, no escravismo e no pós-abolição, vêm se multiplicando a partir de exaustivas pesquisas documentais nos diversos arquivos brasileiros (MATTOS, 2008; REIS, 2007; FRAGA FILHO, 2006; ROCHA, 2004; SLENES, 1999; WISSENBACH, 1998).

À medida que a documentação foi identificada e localizada, em especial aquela relativa às fontes cartoriais (inventários, testamentos, escrituras), cujo caminho foi trilhado a partir dos relatos fornecidos por D. Didi, citados em Gadêlha (2004), foi possível avançar nesta parte da história do Candeal e suas origens, formuladas a partir da colonização portuguesa e da África. D. Didi, Dona Hilda Sant'Anna Querino, é uma das mais antigas moradoras do Candeal, descendente da quinta geração dos Mendes e Sant'Anna, e guarda anotações da genealogia da família. Os aspectos gerais do processo de ocupação das terras da antiga Freguesia de Brotas foram se revelando, conforme análises documentais, chegando-se a um panorama que poderá nortear estudos sobre a história do Candeal em suas dimensões sociais, culturais, urbanas, territoriais, étnicas e econômicas.

Um aspecto que deve ser considerado, baseado no processo de identificação do acervo documental e posterior análise, mesmo que horizontal, é o desafio de enveredar-se na pesquisa genealógica da Família africana Mendes e Santa'Anna. Esta marcou o núcleo da formação da comunidade do Candéal, observando-se suas matrizes africanas, seus processos de sobrevivência, na Bahia escravista, suas experiências sociais e culturais, ancoradas na religiosidade, na própria escravidão, nas conquistas de bens materiais e simbólicos que geraram lendas e memórias que permanecem guardadas por herdeiros e disseminadas pela oralidade e pelo imaginário.

Assim, para explicar o processo de constituição e construção do Candéal Pequeno, como hoje é conhecido, serão apresentados os elementos que apontam para as origens da antiga Freguesia de Brotas, atual Bairro de Brotas, a fim de contextualizar a região do Candéal, na formação territorial do atual Bairro, focalizando-se suas origens territoriais, suas ocupações e, em especial, a trajetória da família dos africanos Mendes e Santa'Anna, buscando construir sua genealogia até meados do século XX.

### **A freguesia de Brotas e suas origens**

Os antigos arrabaldes de Brotas foram constituídos em Freguesia da cidade do Salvador, no século XVIII (1718), pelo então arcebispo de Salvador D. Sebastião Monteiro da Vide, sob a invocação de Nossa Senhora das Grotas. Tratava-se de um espaço físico limitado, uma “divisão administrativa e religiosa da cidade, onde estavam localizados os habitantes, ligados à sua igreja matriz. Tomavam parte em suas solenidades, ali realizavam seus batizados, casamentos e eram sepultados” (NASCIMENTO, 1986, p. 29). Inicialmente existiu como povoado de São Paulo, tornando-se freguesia com sede na antiga e pequena igreja sob a invocação de São Paulo. Somente em 1772 a antiga Igreja foi substituída pela atual matriz e, com o passar do tempo, Grotas foi alterada por corruptela popular para Brotas (DÓREA, 1999). Era uma das freguesias mais despovoadas, com pequenos núcleos populacionais fora do local onde estava erguida a matriz, como os da Pituba e das Armações do Gregório.

No século XVIII, as principais estradas que davam acesso à cidade eram a das Boiadas, Brotas, que incorporava a do Cabula, e a do Rio Vermelho. A freguesia de Brotas dividia-se com a freguesia de São Pedro Velho e com a de Santa Ana, pela parte sul, no

Dique, pela parte Norte com a freguesia de Santo Antônio Além do Carmo, pelo Leste com a de Santo Amaro de Ipitanga, correndo pela costa, ocupando de Norte a Sul mais de quatro léguas e duas e meia de Leste a Oeste. Tinha três filiais: as capelas de Nossa Senhora da Luz, Nossa Senhora da Boa Vista e Santo Antônio. Por ali passavam os rios Camurugipe, que fazia barra com o Rio Vermelho, o rio de Santo Antônio das Pedras que desaguava igualmente no mar, bem como o rio Jaguaripe (VILHENA, 1969).

A freguesia de Brotas, no início do século XIX, situava-se mais no interior, um arrabalde longínquo, urbano e suburbano. Caracterizava-se como zona rural e “espalhava-se pelo lado do oceano em dimensões grandiosas, limitando-se com a freguesia suburbana de Itapuã” (NASCIMENTO, 1986, p.33) e tinha limites, conforme descreve Nascimento, com:

[...] Santo Antônio Além do Carmo pela estrada Nova, começando pela roça do comendador Barros Reis, vindo até a Fonte Nova, no Dique, onde fazia diferentes limites com Santana e São Pedro. Daí, pela estrada Dois de Julho, seguia até a ponta da Mariquita, de onde se espraiava costeando a lagoa da Pituba, até Armação e o Rio das Pedras, quando se dividia com a freguesia de Itapuã, suburbana da cidade. Seguia a freguesia de Brotas até o Engenho da Bolandeira, onde novamente fazia divisa com Itapuã e com a freguesia de Santo Antônio Além do Carmo. Limitava-se com a Vitória na Mariquita (NASCIMENTO, 1986, p. 37).

Em 1855, a freguesia possuía 68 terrenos, cinco terras, 70 roças, sete fazendas e um engenho, 33 casas térreas, uma casa de andar e uma casa de dois andares. Era a menor freguesia de então. Parcialmente rural, era habitada por maioria composta de gente simples e de cor. Existiam roças, lotes de terra, fazendas, engenhos e até uma sesmaria. A principal profissão, identificada na região, era a de lavrador. A partir de 1869, surgiram as primeiras linhas de transporte como a estrada de ferro do Rio Vermelho, que começava no Campo Grande e terminava no alto do papagaio, no Rio Vermelho (NASCIMENTO, 1986, p.37).

As ramificações que compõem o atual Bairro originaram-se das divisões de imensas fazendas sucessivamente arrendadas, aforadas, ocupadas e/ou vendidas em lotes por seus proprietários às primeiras famílias que se instalaram no local e também invadidas por pessoas com ou sem posses. A extensão das terras de Brotas, nos séculos XVIII e XIX, correspondia a uma parte do Morgado da Casa de Niza, que integrava uma das casas mais importantes da nobreza portuguesa desde o século XVII, comparada às Casas da Ponte e da Torre de Garcia d’Ávila. Na América Portuguesa, o morgado se caracterizou em patrimônio fundiário de origem sesmeira “que perdurou até 17 de junho de 1822, quando o Príncipe

regente D. Pedro suspendeu sua aplicação” (NEVES, 2008, p.65). Era uma instituição portuguesa, de origem feudal, de transmissão de propriedade vinculada ou conjunto de bens que não podia ser alienada ou dividida e que, por morte do possuidor, passava para o filho primogênito e assim sucessivamente. Na ausência de sucessores, permitia-se a livre nomeação do titular. De acordo com Mattoso (1992, p.137):

O morgadio – que parece ter sido usado apenas uma dezena de vezes na Bahia durante o período colonial – visava proteger as fortunas de família, tendo sido adotado sobretudo por portugueses de ascendência nobre. Podia incluir bens situados no Brasil e em Portugal. Essa instituição trazia consigo certas obrigações, pois os administradores (ou seja, os herdeiros) deveriam gastar com obras ‘piedosas’ mais ou menos a centésima parte das rendas das propriedades. (MATTOSO, 1992, p. 137)

Em relação ao morgado da Casa de Niza, foi identificado, em documento de 1788, carta de confirmação por sucessão de bens herdados do Marquês de Niza, Dom Rodrigo Xavier Telles de Castro da Gama Atahide Noronha da Silveira e Sousa, pela viúva e filha Marquesas de Niza, Dona Maria Anna Josepha Xavier de Lima e Dona Eugenia Maria Josepha Xavier Teles de Castro da Gama Atahide Noronha da Silveira e Sousa, respectivamente, entre títulos, privilégios e terras, terras do Rio Vermelho na Comarca da Bahia, unidas e vinculadas com as Ilhas de Itaparica e Tamarandiva, as quais vinham por sucessão do Conde de Castanheira desde 1556.<sup>6</sup> As terras do Rio Vermelho foram sucessivamente aforadas, arrendadas e ocupadas por outros. Em 1791, o Capitão Domingos André Torres arrendava uma porção de terras do Rio Vermelho ao então Sargento Alexandre Teotônio de Sousa. Em 1797, os Marqueses de Niza reafirmavam o aforamento perpétuo de proção dessas terras ao Tenente Coronel Alexandre Teotônio de Sousa e sua mulher Dona Margarida Maria de Abreu e Carvalho. Na Escritura de Ratificação de Aforamento, observa-se que as referidas terras encontravam-se ocupadas pelo Coronel Dom Carlos Balthasar da Silveira, por Francisco Gomes de Sousa e pelos religiosos de São

---

<sup>6</sup> Carta de confirmação por alvará, de Doação da Ilha pequena, e terras do Rio Vermelho, unidas e vinculadas com as Ilhas de Itaparica e Tamarandiva que S. Magestade faz Mercê a Exma. Marquesa de Niza e sua filha Marquesa do mesmo título (...). Bahia, 28 de abril de 1788. Documento transcrito e arquivado no Centro de Memória e Arquivo Público da Bahia. Fundação Pedro Calmon.

Bento. Estes últimos “se achavam intrusos”, “sem consentimento nem título dos excelentíssimos donatários...”<sup>7</sup>

O Visconde do Rio Vermelho, Manuel Inácio da Cunha Meneses, também foi um dos beneficiários de foro perpétuo das Terras do Rio Vermelho, pertencentes aos Marqueses de Niza, denominadas Fazenda Pituba e Engenho Santo Antônio, onde estavam localizados nos limites das ditas Terras, que integravam a antiga Freguesia de Brotas.<sup>8</sup> Pela documentação analisada, o Visconde do Rio Vermelho tornou-se um dos grandes proprietários na Freguesia de Brotas, e outras roças no sítio do Candéal.<sup>9</sup> Os limites do Engenho Santo Antônio faziam três frentes: “pela estrada geral que vai para as Armações e Itapuã perto das ditas terras da fonte denominada Rio Camurogipe e seguindo, por uma vala em direção a leste, a limites da costa do mar, ao norte com a estrada real do Cabula.”<sup>10</sup> A Fazenda “denominada Pituba” era aforada perpetuamente pela Viscondessa do Rio Vermelho à Casa da Marquesa de Niza, tendo o seu filho Barão do Rio Vermelho como condômino por partilha fraterna. Eram terras que se limitavam

[...] ao sul com a fazenda Ubanassa, que está na costa do mar até a fonte velha de São Paulo no rio Camorogipe de Ubanassa, ao norte com terras do engenho Santo Antonio, ao nordeste com terras de São Bento onde está

---

<sup>7</sup> Arquivo Público do Estado da Bahia - APEB. Seção Judiciária. Escrituras. Livros 130 (ano 1791) e 137 (ano 1797).

<sup>8</sup> O Visconde do Rio Vermelho, título concedido pelo Decreto de 17 de outubro de 1830, nasceu na cidade do Salvador em 13 de setembro de 1779. Era filho do 3º. Conde de Lumiares, Governador e Capitão-General Manoel da Cunha e Meneses (Governador da Capitania da Bahia de 1769-1774), e de Dona Perpétua Gertrudes de Moraes Sarmento. Na Bahia, foi vereador do Senado da Câmara da Cidade do Salvador em 1812, 1813 (período colonial) e 1823 (Império), membro da junta de Governo de 2 de fevereiro de 1822 a 9 de maio de 1823, membro do Conselho do Governo da Província de 1824 a 1828, tendo nessa qualidade exercido interinamente a Presidência da Província por três vezes, Provedor da Santa Casa de Misericórdia e Comandante Superior da Guarda Nacional da Cidade do Salvador. Era Comendador da Ordem da Rosa, Cavaleiro da Ordem de Cristo e Veador de Sua Magestade a Imperatriz. Em 13 de maio de 1831 casou-se com Dona Maria Joana da Conceição Simões, Viscondessa do Rio Vermelho. O Visconde do Rio Vermelho faleceu na cidade do Salvador em 16 de janeiro de 1850 e a Viscondessa em 6 de novembro de 1865. BULCÃO SOBRINHO, [s.d.]. Deixou como descendente José Felix da Cunha Meneses – Barão do Rio Vermelho.

<sup>9</sup> O Engenho Santo Antônio, sito na freguesia de Brotas, estava em terras foreiras à Casa da Marquesa de Niza. Em 1859 a posse do terreno vizinho passado por escritura de foro perpétuo à Viscondessa do Rio Vermelho, estava nas mãos do Capitão Thomas da Silva Paranhos, um dos grandes proprietários da região. Outros proprietários de roças aparecem na Freguesia de Brotas como D. Brás Baltasar da Silveira (roça do Matatu Pequeno), o africano Pires (rocinha de fundo com a fazenda Matatu Grande), Antônio da Silva Quaresma (roça ao largo de Brotas), Bernardo Xavier de Castro (Roça Candéal Grande), Luis José de Almeida (terras no sítio Candéal) e os africanos libertos Antônio Mendes casado com Josepha de Santa Anna (roça no Candéal). Terras da Viscondessa do Rio Vermelho e herdeiros. 15 de julho de 1859. APEB. Registros Eclesiásticos de Terras. Maço 4675.

<sup>10</sup> Terrenos foreiros pertencentes à Viscondessa do Rio Vermelho e herdeiros. Doc. De 15 de julho de 1859. APEB. Registros Eclesiásticos de Terras. Maço 4675.



a Armação do Gregório e a leste com o mar. Bahia quinze de julho de mil oitocentos e cinquenta e nove. Barão do Rio vermelho.<sup>11</sup>

Dentre as terras da Viscondessa, herdadas pelo seu filho, o Barão do Rio Vermelho, José Felix Cunha e Meneses, e descendentes, constavam ainda uma roça fronteira à Igreja de Brotas, uma outra também na mesma freguesia de Brotas, arrendada ao Senhor Desembargador Netto, “tendo de frente para a estrada das Brotas que vai ter ao Rio Vermelho, e seguindo as voltas da mesma estrada cento e onze braças, e de fundo com todas as tortuosidades dos lados cento e oitenta braças termo médio entre os dois lados.”<sup>12</sup>

Estas terras foram passadas por herança ao descendente, o Barão do Rio Vermelho, filho do Visconde e da Viscondessa do Rio Vermelho. Com o falecimento do Barão, a Baronesa do Rio Vermelho, Joaquina Julia Navarro e Andrade, realizou a partilha dos bens deixados pelo marido entre os filhos e genros: (1) Dr. José Felix da Cunha Meneses, (2) Dona Perpétua Beatriz Navarro da Cunha Meneses, (3) Dona Francisca Immaculada Navarro da Cunha Meneses, (4) Dona Maria Joanna Navarro da Cunha Meneses (casada com o comendador Manuel S. Oliveira Rodrigues) e (5) Dona Joaquina Julia Navarro da Cunha Meneses Lacerda (casada com o comendador Antônio de Lacerda). Dentre os bens inventariados e partilhados, estavam incluídos a Fazenda Pituba e a Armação do Saraiva, e “as quatrocentas partes do velho engenho Santo Antônio, hoje arruinado e caído...”, sitas em terrenos foreiros dos herdeiros do casal do Marquez de Niza.<sup>13</sup>

Outro grande proprietário de terras do Rio Vermelho foi o Capitão Thomas da Silva Paranhos. No Registro Eclesiástico de Terras de 1858, declarava ser possuidor de terras na freguesia de Brotas “por compra feita à Casa de Niza”, que possuíam vasta extensão e seguiam até Itapuã. Declarava que, naquelas terras, segundo o registro, existiam alguns foreiros aos quais teria vendido do domínio direto.<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> Terras da Viscondessa do Rio Vermelho e herdeiros. 15 de julho de 1859. APEB. Registros Eclesiásticos de Terras. Maço 4675.

<sup>12</sup> Terreiros da Viscondessa do Rio Vermelho. Registros Eclesiásticos de Terras. 01 de junho de 1858. APEB, maço 4675.

<sup>13</sup> Inventário e partilha amigável dos bens que ficarão por falecimento do Barão do Rio Vermelho, feito por sua viúva a baronesa do Rio vermelho seus filhos e genros de 09/07/1881. APEB, Seção Judiciária, maço 1/102/151/06; APEB: Seção Judiciária, maço 994/89de 5/04/1897.

<sup>14</sup> Terras do Capitão Thomas da Silva Paranhos. Registros Eclesiásticos de Terras. 9 de junho de 1858. APEB, Maço 4675.

### **As terras do Candéal no contexto de uma genealogia africana**

Observa-se que, desde os finais do século XVIII, o Morgado da Casa de Niza foi transmitido para foreiros e rendeiros. Com a extinção dos morgados no Brasil, após a independência, pela lei de 6 de outubro de 1835, as terras, que estavam nos limites da Freguesia de Brotas, passaram para diversos outros proprietários, entre eles os africanos Antônio Mendes da Silva e sua mulher Josepha Maria de Santa'Anna, que marcam, historicamente, os primeiros momentos de constituição da área do atual Candéal.

O “Candéal” é citado como área que pertenceu ao Visconde e à Viscondessa do Rio Vermelho, em parte que integrava a Fazenda Pituba e o Engenho Santo Antônio, conforme documentos de escritura e inventário. Naquela região, havia roças e terras pertencentes a diversos outros proprietários, seja através de aforamento, arrendamento ou compra. Em 1851, “um terreno denominado Candial”, com uma pequena casa arruinada, foi vendido por Dona Maria da Glória da Cunha de Meneses, provavelmente herdeira do Visconde do Rio Vermelho, a Bernardo Xavier de Castro. Ao tornar-se proprietário, a roça “Candéal grande”<sup>15</sup> foi registrada com a seguinte extensão: tinha de frente duzentas e dez braças de terras, limitando-se pelo norte com terras do finado Visconde do Rio Vermelho, pelo oeste com terras da Misericórdia até o rio Camorogipe, pelo sul com o mesmo rio Camorogipe, pelo oeste com terras do já dito Visconde, compradas a dona Maria da Gloria da Cunha e Meneses (...) Bernardo Xavier de Castro. Brotas da Bahia. 23 de setembro de 1857.<sup>16</sup>

No sítio Candéal havia terras de Luis José de Almeida, que se dividiam

[...] com as terras do Desembargador Netto e as terras do senhor Joaquim Teixeira de Oliveira, pelo lado do leste, rio acima de Camurogipe com as terras do senhor João da Cruz e pelo lado do oeste com o dito rio e as terras do senhor Bernardo Xavier de Castro. Bahia dezesseis de julho de mil oitocentos e cinquenta e oito. Luis José de Almeida. Brotas da Bahia. 17 de julho de 1858.<sup>17</sup>

Outra roça no Candéal pertencia a Antonio Mendes da Silva, africano liberto, casado com Josepha Maria de Santa'Anna, também africana. Segundo testamento deixado

---

<sup>15</sup> Na documentação pesquisada, a escrita da palavra Candéal aparece de diferentes formas – Candéal, Candial, Candéal. Aqui será utilizada Candéal.

<sup>16</sup> APEB. Seção Judiciária. Escritura. Livro 296 de 13/01/1851. APEB, Registros Eclesiásticos de Terras, maço 4675.: Roça de Bernardo Xavier de Castro. 23 de setembro de 1857.

<sup>17</sup> Terras de Luis José de Almeida, 17 de julho de 1858. APEB. Registros Eclesiásticos de Terras, maço 4675.

por Antônio Mendes, era possuidor de uma roça na estrada do Rio Vermelho, cujo terreno era legítimo dono, uma roça com benfeitorias e uma casa de telhas na rua do Candéal, onde morava, uma roça contendo plantações de legumes e uma pequena casa de taipa coberta de telhas na Fazenda do [Pombal], em terras pertencentes à Viscondessa do Rio Vermelho, além de três escravos crioulos, Luis Gaudêncio, Maria e Pedro, para os quais deixava carta de liberdade após sua morte e a de sua mulher. Entre outros desejos manifestados por Antônio Mendes, dois anos antes do seu falecimento, em 1857, era o de ser enterrado na Irmandade do Rosário da Freguesia de Brotas, para a qual deixava vinte mil réis.<sup>18</sup>

Antônio Mendes era natural da Costa da África, foi escravo de Francisco Mendes da Silva, tendo comprado sua liberdade por duzentos mil réis. Era católico e Irmão da Irmandade do Rosário na Freguesia de Brotas, onde teria se casado com Josepha Maria de Santa'Anna, também africana. Do casamento, tiveram três filhos: Antonio Mendes da Silva Junior, Maria de Santa Anna e Isabel de Santa Anna. Não sabia ler nem escrever.<sup>19</sup> Segundo tradição oral e pelas anotações de D. Didi sobre a genealogia da família Sant'Anna, teria sido “o primeiro casamento católico entre africanos na Igreja de Brotas” e Antonio Mendes seria “muçulmano livre, vindo de uma guerra”, com quem Josepha se casou, no ano de 1781, quando chegou ao Brasil.<sup>20</sup> Ainda, segundo depoimento de Hilda Santana, citada no trabalho de Oliveira Júnior (2004, p. 22), Josepha teria chegado com uma família a Salvador, aos 12 anos, para trabalhar cuidando de crianças. Por não ter encontrado seus parentes, ao tornar-se adulta, juntou os recursos que trouxe da África e os ganhos do seu trabalho em Salvador para comprar terras e alguns escravos, instalando-se na região de Brotas, numa pequena mata de candeias.

Segundo D. Didi, naquela mata havia se instalado

[...] a avó de sua avó, Josepha de Sant'Anna, uma africana livre que no ano de 1781 deixou sua terra natal em busca de seus parentes que sabia estarem escravizados no Brasil. Veio com moedas de ouro e pratas para libertá-los. Chegando a São Salvador da Bahia, encontrou os parentes e encantada pela cidade, resolveu ficar. Fundou uma fazenda onde plantou uma roça com arvoredo de espinho, o dendê, cujo azeite era vendido na

<sup>18</sup> APEB, Seção Judiciária. Testamento. Maço 03/1218/1687/03 (1857).

<sup>19</sup> APEB, Seção Judiciária. Testamento. Maço 03/1218/1687/03 (1857).

<sup>20</sup> Segundo depoimento de D. Didi, Josepha casara-se com “Manoel Mendes, um muçulmano livre, vindo de uma guerra.” Apud GADÊLHA, p. 25. Importante destacar a possibilidade de falha da memória de D. Didi, ao se referir ao muçulmano livre Manoel Mendes no lugar de Antonio Mendes. À época da entrevista, em 9 de junho de 2003, D. Didi estava com 82 anos.

cidade por seus escravos. O Candeal não foi um quilombo, segundo Dona Didi. Os escravos de Dona Josepha nunca foram maltratados, pelo contrário. Depois de vender o dendê na feira, tinham o dia livre para fazer o que quisessem: dançar, cantar, tocar atabaques (GADÊLHA, 2004, p.24).

Se Josepha, segundo depoimento de D. Didi, chegou ao Brasil e casou-se em 1781, estando com 12 anos, conforme se refere D. Hilda, ainda criança iniciou sua trajetória no universo da escravidão, apesar de ser “africana livre”, conforme D. Didi. Podemos levantar algumas questões relativas aos dados indicados pelas depoentes: Josepha teria encontrado Antônio Mendes e logo se casado, constituindo, desta forma, uma família negra composta por uma africana livre e um africano liberto, o que corresponde a uma exceção a partir dos parâmetros encontrados por estudos sobre família escrava no Brasil. Seria, também, excepcional, Josepha ter chegado ao Brasil na condição de livre. Neste caso, teria vindo para as terras de além mar para ajudar com seu trabalho uma família negra? Antônio Mendes e a família que trouxe Josepha tinham relações de sociabilidade, de apoio, que facilitou o casamento e a constituição de sua própria família? Seria Josepha, e não Antônio Mendes, quem teria adquirido as terras e outras propriedades? São algumas questões a serem investigadas, diante da riqueza de uma trajetória apresentada por depoentes, não obstante a presença de falhas de informações, considerando o próprio exercício da memória estar repleto de dados inexatos, transmitidos de geração a geração pela tradição oral que são alterados ao longo do tempo.<sup>21</sup>

Segundo seu testamento, Antonio Mendes da Silva adotou a religião católica, no contexto da sociedade escravista na América portuguesa, onde os escravizados eram batizados no catolicismo ao chegarem na colônia, recebendo o nome e/ou sobrenome de seu proprietário. Recém-chegados da África, alguns eram treinados nos rudimentos da língua portuguesa, a fim de compreenderem as ordens de seus senhores, enquanto eram definidos os lugares de mando e obediência de cada um. A religião católica foi um importante elo cultural e educativo que apoiou a escravidão, no sentido de inculcar os valores da religião,

---

<sup>21</sup> Segundo as referências às datas, concluímos que Josepha, ao chegar a Salvador com 12 anos de idade, em 1781, teria nascido em 1769. Quando da morte de seu marido Antônio Mendes, em 1857, estaria com 88 anos. Em 1865, quando teria passado escritura do Candeal ao seu filho Antônio Mendes, contava com 95 anos. Se morreu aos 112 anos, foi no ano de 1881, após a morte do seu filho, Antonio Mendes da Silva Junior, ocorrida em 1870. Cabe maiores investigações. O inventário de Josepha não foi indentificado durante as pesquisas.

bem como virtudes indispensáveis ao cativo como paciência, obediência e humildade.

Assim Antonio Mendes registrou em seu testamento no ano de 1855:

Primeiramente encomendo o meu corpo a Deus e a minha alma ao Santíssimo Sacramento, pois como Cristão Apostólico Romano em cuja Religião adoto, e nela espero morrer, e peço à Maria Santíssima intercessão por minha alma a São (sic) Bento Filho, quando ela tenha de sair desta casca mortal.<sup>22</sup>

Dentre as lendas que rodeiam o Candéal, existe a que envolve “Manoel” Mendes. Segundo D. Didi, o muçulmano

[...] ao chegar da guerra trouxe por dentro de sua camisa ensangüentada uma pedra. Esta pedra o protegeu de doenças e da morte, na guerra e na viagem ao Brasil. Ainda pequena esta pedra foi jogada por Dona Josepha, que era do candomblé, perto do tamarineiro e uma lenda diz que ela cresce todo ano. Há ainda estórias, negadas por D. Didi, de assombrações de escravos enterrados no Candéal (GADÊLHA, 2004, p. 26).

Em inventário de partilha, realizado após a morte de Antonio Mendes, consta ter deixado, além da viúva, os três filhos herdeiros de seus bens: Maria de Santa Anna (45 anos), casada com Benedito Nobre, africano; Antonio Mendes Junior (43 anos) e Izabel de Santa Anna (41 anos), viúva de Manoel do Rosário. Entre os bens arrolados constavam: uma roça no Candéal onde havia diversos arvoredos frutíferos; uma casa de taipa coberta de telha e mais um terreno rendeiro a Luiz José de Almeida (citado anteriormente), pelo qual pagava anualmente oitenta réis. Também era possuidor de uma cozinha de taipa coberta de telha para fazer farinha (casa de farinha), situada em terreno arrendado da Viscondessa do Rio Vermelho (citada anteriormente), pelo qual pagava cem réis por ano. Dos bens inventariados e partilhados entre os herdeiros havia ainda quatro escravos: três pretos da nação nagô: Constantino, muito velho, Domingas, velha e doente, Filippi, representando 40 anos, com a perna direita torta, e uma preta de nome Delfina da nação Angola, representando 45 anos.<sup>23</sup>

Possivelmente, esta roça, ou parte dela, da família Mendes e Sant’Anna veio a se constituir no que atualmente se conhece por Candéal Pequeno ou de Baixo, conforme

---

<sup>22</sup> APEB, Seção Judiciária, Testamento 03/1218/1687/03 (1857). As transcrições documentais estão com a grafia atualizada.

<sup>23</sup> APEB. Seção judiciária. Inventários. Maço 05/1970/2442/08 de 19/09/1859.

tradição passada de geração a geração pelos descendentes. Segundo Gadêlha (2004, p. 25), o casal teria comprado diversas terras em Brotas, incluindo a atual área do Parque da Cidade, conforme depoimento de D. Didi por ele registrado.

Em 1865, antes de morrer aos 112 anos, Josepha de Sant'Anna passou a escritura do Candéal para seu filho Antônio Mendes. Ele casou-se com Maria Tomásia, filha de uma das famílias negras mais ricas de Salvador, que comercializava peixes na Gamboa, conta D. Didi. Eles tiveram cinco filhas, dentre eles (sic) Francisca Romana, a Chica. Ela teve um casamento arranjado aos 16 anos com um mulato chamado Ramiro de 45 anos. Depois de sua morte, Dona Chica casou-se de novo, com o Nicolau, acaboclado neto de índios. Uma de suas netas é Dona Didi, que possui as anotações da genealogia da família Sant'Anna passadas de geração a geração (GADÊLHA, 2004, p. 25).

Consta nos Registros Eclesiásticos de Terras, do ano de 1857, a existência de uma roça pertencente a Antonio Mendes Junior e suas irmãs Maria de Santa Anna e Isabel de Santa Anna, situada na Freguesia de Brotas, que se dividia “pelo norte e sul por quem de direito pertencer, pelo fundo com o rio Lucaia, pela frente com a estrada que vem de Brotas e segue para o Rio Vermelho comprada a Mathias Ferreira Borges e sua mulher Martha Maria de Jesus.”<sup>24</sup> Este documento indica que as terras foram adquiridas, por compra, pelo falecido Antonio Mendes, o pai, e, com sua morte em 1857, passaram para os herdeiros, seus filhos.

Em Inventário (1872) de Antonio Mendes Junior, morto em 1870, consta a distribuição dos bens herdados pela esposa, Thomasia Florencia de Jesus, e cinco filhos: André Corcino de Sousa Mendes (maior), Celestina Maria Mendes (17 anos), Maria Irenia Mendes (14 anos), Evaristo Regociano Mendes (12 anos) e Francisca de Jesus Mendes (5 anos). Entre os bens estavam duas casas térreas, uma de número 49, situada ao Largo da Freguesia de Brotas, outra situada no Candéal, Freguesia de Brotas, com terreno pertencente à mãe do finado Antonio Mendes, uma pequena roça à estrada do Rio Vermelho com “dezesseis braças, cujo fundo vai até a margem do rio lucaia, divide por um lado com terreno da roça de Isabel Tal Tal e do outro com a roça de Maria do Espírito Santo, tendo vinte seis pés de laranjeiras dando, cinco de coqueiros, um de jaqueira, dois de mangueira, um de limoeiro e outro de dendezeiro...”; uma casa térrea sita a rua do Cabral, Freguesia de Santa Anna, outra em rua contígua à citada e uma casa térrea com pequeno

<sup>24</sup> APEB. Arquivo Colonial. Registros Eclesiásticos de Terra, maço 4675. Doc. Datado de 07/09/1857.

terreno ao lado. Este inventário é um indicador importante sobre o grau de acumulação de bens e riqueza por africanos e descendentes na Bahia oitocentista.<sup>25</sup>

Em 1896, a viúva Thomasia e seus filhos venderam a roça situada à Estrada do Rio Vermelho, na Freguesia de Brotas, patrimônio herdado por partilha amigável dos bens deixados por Antônio Mendes da Silva. Era uma roça própria para lavoura, adquirida pelo médico Manoel Bonifácio da Costa.<sup>26</sup> Possuía diversos arvoredos frutíferos e um telheiro, com 22 braças de frente a fundo até a estrada “Dous de Julho”, dividindo-se por um lado com os herdeiros de Isabel de S. Anna, irmã de Antonio Mendes Junior, pelo outro com quem de direito tiver, pelo fundo com o Rio que vem do Engenho Velho e pela frente com a referida Estrada do Rio Vermelho. Observa-se que eram terras de grandes extensões e que, entre outros bens deixados pelo falecido, ocorreu venda a terceiros desde finais do século XIX.

Segundo Dona Didi, Dona Chica teria arrendado suas terras no Candéal, quando começaram a chegar novas famílias, incluindo a de Seu Bertolino e Dona Damiana, avós maternos de Carlinhos Brown, provavelmente, entre os anos de 1950 e 1960, considerando como referência o ano de 1962, ano de nascimento de Brown (GADÊLHA, 2004, p.25).

Pela documentação até aqui consultada, pode-se chegar a alguns esclarecimentos pontuais que merecem aprofundamentos cuidadosos. Trata-se de uma genealogia bastante complexa e importante, por se referir a uma história familiar, comprovadamente, de matriz africana e escrava. Envolve diversas ramificações familiares que se desdobraram rapidamente ao longo do tempo, resultando em sucessivo repartimento dos bens territoriais e imóveis herdados.

Francisca de Jesus Mendes ou Francisca Romana ou D. Chica, nascida em 1867 e falecida em 1955, aos 88 anos, era uma dos cinco filhos de Antônio Mendes da Silva Júnior, casado com Thomasia Florência de Jesus, e neta dos africanos Antonio Mendes e Josepha de Santa'Anna.<sup>27</sup> Seus irmãos eram André Corcino de Sousa Mendes<sup>28</sup>, Celestina Maria de Sousa Mendes<sup>29</sup>, Maria Irenia Mendes<sup>30</sup> e Evaristo Rogaciano Mendes<sup>31</sup>.

---

<sup>25</sup> APEB. Seção Judiciária. Inventários. Maço 8/3362/11 de 26/08/1872.

<sup>26</sup> APEB. Seção Judiciária. Escritura. Livro 1986 (1896-1897).

<sup>27</sup> **Francisca de Jesus Mendes** ou **Francisca Romana Mendes**, cor preta, dona de casa, nascida em 1867 e falecida em 20/10/1955, era doméstica e casada com **Ramiro José de Santana** de quem teve uma filha, **Tolentina de Santana**. Ao enviudar, casou-se com **Nicolau Pereira do Nascimento**, com quem teve três

Da família original de Francisca, foi identificada, em inventário de 1961, a partilha dos bens deixados pelas irmãs falecidas para a terceira geração da família Mendes e Santa' Anna. Eram os herdeiros de Francisca Romana Mendes, Maria Irenia da Anunciação e Celestina Mendes que dividiam entre si “um terreno situado à Ladeira do Candial Pequeno, subdistrito de Brotas, próprio, medindo mais ou menos pela mencionada ladeira 306 metros; pela lateral esquerda 192 metros; pela direita 188 metros e de fundo 144 metros e 50 centímetros.”<sup>32</sup> Perfazia um total de área de cinco mil e duzentos e sessenta e sete metros quadrados, sem benfeitorias: terreno com partes plana e acidentada, tendo a sua maior parte ocupada com cerca de 70 casas de construções diversas pertencentes a rendeiros.<sup>33</sup>

Em petição, o inventariante Alcebíades José Damasceno dizia comprovar a propriedade através de recibos de pagamento do Imposto Territorial Rural dos anos de 1943 e 1961, respectivamente, conforme caderneta anexada ao processo, documento, segundo ele, que até certa época era “um título de propriedade, uma prova real, para todos os fins, da posse e propriedade das terras nela mencionadas”. E assim justificava:

Infelizmente, naqueles longínquos tempos, em que terras sobravam e delas, pouco caso se faziam, o Poder Público, era, em consequencia, quanto a elas, de pequenas exigências, nem sempre conferindo aos seus detentores, TÍTULOS DE PROPRIEDADE, como se faz atualmente. <sup>34</sup>

Este terreno do Candial Pequeno foi, sucessivamente, dividido e subdividido entre dez filhos e demais parentes diretos e indiretos de Maria Irenia (falecida em 24/2/1948), Celestina (falecida em 1/11/1942) e Francisca Romana Mendes (falecida em 20/10/1955). Esta última casou-se com Ramiro José de Santana, com o qual teve uma filha, Tolentina de

---

filhos: **Manoel do Nascimento**, **Joana do Nascimento** e **Corina do Nascimento**. Residente no Candial Pequeno.

<sup>28</sup> Nascido mais ou menos entre 1853-1854.

<sup>29</sup> Cor preta, doméstica, nascida em 1855 e falecida em 1/11/1942, viuva de **Laurentino do Espirito Santo**. Não deixou filhos. Residente no Candial Pequeno.

<sup>30</sup> **Maria Irenia Mendes** ou **Maria Irenia da Anunciação Mendes Damasceno**, cor preta, casada com **Acyliño José Damasceno**, doméstica, nascida em 1858 e falecida em 24/2/1948, aos 90 anos, viúva. Residente no Candial Pequeno.

<sup>31</sup> Nascido em 1860.

<sup>32</sup> APEB. Seção Judiciária; Série Inventário. Maço 06/2546/3046/04 de 27/10/1961.

<sup>33</sup> Idem, ibidem.

<sup>34</sup> Idem, ibidem.



Santana, nascida em 10/09/1888.<sup>35</sup> Depois, ao casar-se com Nicolau Pereira do Nascimento, teve três filhos: Manoel do Nascimento (nascido possivelmente em 1897)<sup>36</sup>, Corina do Nascimento (nascida em 08/02/1908)<sup>37</sup> e Joana do Nascimento (nascida em 30/03/1904).<sup>38</sup> Maria Irenia, por sua vez, morreu aos 90 anos viúva, deixando seis filhos: Alcebiades José Damasceno,<sup>39</sup> Manoel do Rosário Damasceno,<sup>40</sup> Tertuliano José Damasceno,<sup>41</sup> Guilhermina Damasceno Costa, Thereza Damasceno Santos e Joana Damasceno Souza.<sup>42</sup>

D. Didi, neta de Francisca Romana, representa a quinta geração da família Mendes e Santa Anna, originada do casamento entre os africanos Antonio Mendes da Silva e Josepha Maria de Santa'Anna, provavelmente nos finais do século XVIII. As terras do Candéal, lugar onde foi constituída a família original destes africanos, hoje é um local onde reside cerca de 1500 famílias em pouco mais de 20 mil m<sup>2</sup>. Das 70 casas que existiam em 1961, em um ambiente mais rural do que urbano, o Candéal se transformou, nos últimos 40 anos, em Candéal de Cima e Candéal de Baixo ou Candéal Pequeno, uma região dividida entre ricos e pobres respectivamente.

D. Didi, mais uma vez tomada como referência de guardiã da memória do Candéal, ao avaliar sobre as mudanças ocorridas e rememorar o ambiente de seu tempo, manifestou o estranhamento de quem havia experimentado uma outra forma de viver:

Nunca vi tanta casa, tanta gente que eu nem conheço. Aqui era uma família... Aquela amizade do pessoal feliz, pessoal tranquilo, aqui nunca foi lugar de barulho. Polícia não vinha aqui. Todo pessoal aqui se respeitava. Todo pessoal aqui se unia. Agora a população cresceu, tá tudo diferente. Aqui não era favela. Favela é um lugar que tem muitas casas, com tudo desorganizado. Justamente as casas daqui não eram casas todas bem alinhavadas... porque se eram casas salteadas, tinha uma casa aqui,

<sup>35</sup> **Tolentina de Santana**, cor preta, nascida em 10/09/1888 no Candéal de Brotas. Dados do Inventário de Celestina Mendes, Maria Irenia da Anunciação Mendes Damasceno e Francisca Romana Mendes, aberto em 1961 e concluído em 1965. APEB, Seção Judiciária, Série Inventários – 06/2546/3046/04 (1961-1982).

<sup>36</sup> **Manoel do Nascimento**, operário, nascido em 24/01/1897, casado em 09/12/1961 com **Catarina Bispo dos Santos**, doméstica, nascida em 30/05/1910. Idem.

<sup>37</sup> **Corina do Nascimento**, solteira, doméstica, nascida em 09/02/1908. Residente no Candéal Pequeno. Idem.

<sup>38</sup> **Joana do Nascimento**, parda, de prendas, nascida em 30/03/1904. Residente no Candéal Pequeno. Idem.

<sup>39</sup> **Alcebiades José Damasceno, alfaiate**, nascido em 27/02/1898, casado com **Engrácia Maria Querino**. Residente à Rua Guedes de Brito, 2 – Sé. Faleceu por cerca de 1964. Deixou dois filhos: Adailton Querino Damasceno (menor) e Edcélia Querino Damasceno (surda e muda).

<sup>40</sup> **Manoel Rosário Damasceno**, preto, comerciante, nascido em 06/10/1902 em Camaçari-Bahia. Residente em Camaçari. Era solteiro em 1956.

<sup>41</sup> **Tertuliano José Damasceno**. Faleceu solteiro em cerca de 1964 sem filhos.

<sup>42</sup> Casada com Sabino Antonio de Souza.

daqui a vinte metros outra, daqui a quarenta metros outra... ia fazer ruas? Se era roça? Você chegava aqui nesse fundo, não via casa, só via mangueira, de todas as qualidades de manga havia aqui nesse Candéal, parreira, jaboticaba, carambola, oiti, tamarineiro,... lá embaixo, três hortas. Dava para todo mundo aqui e ainda se vendia na Sete Portas [centro comercial da cidade na época]. (GADÊLHA, 2004, p. 25).

É opinião unânime, entre os moradores, de que o Candéal não é mais o mesmo desde o fenômeno Carlinhos Brown. A visão da pobreza, estampada nas casas de construções irregulares, foi alterada com o Projeto “Ta Rebocado”, a partir do qual as casas foram rebocadas e pintadas, ruas pavimentadas e eliminado o esgoto a céu aberto. Ao falar sobre o bairro, o morador Júlio Ribeiro da Silva, em 2001 com 76 anos, dizia que todo o Candéal

[...] era uma imensa horta, cercada de charcos por todos os lados. As pessoas foram chegando e ocupando a área. Como a pobreza era muita, ninguém podia morar em outro local e acabava aqui, onde a cidade nunca tinha chegado. Hoje, é isso aí que se vê. Estamos cercados de estradas e prédios por todos os lados.<sup>43</sup>

Considerando a documentação consultada, conclui-se que a região do Candéal integrava as Terras do Morgado da Casa de Niza, desde o período colonial, passou para proprietários como o Visconde do Rio Vermelho, entre outros, tornando-se área de roças cultivadas por foreiros, arrendatários e proprietários, durante o século XIX e primeira metade do XX. Nas fazendas, engenho e roças trabalharam escravos, como os citados entre os bens do Barão e Baronesa do Rio Vermelho:

[...] os pardos Arthemia, Sara e Arthur, a africana Genebra e as crioulas Maria, Biruta, Pastora, Virginia, Hortência e os crioulos Enéas, Ulysses, Napoleão, Henephante e a parda Petharca, os quais dois últimos já se achavam em poder do herdeiro o doutor José Felix...<sup>44</sup>

Além dos escravos do Barão do Rio Verelho, outros trabalharam e foram propriedade da família dos africanos Mendes e Santa’Anna, integrando a dinâmica de formação de propriedades fundiárias nas terras pertencentes ao antigo morgado. A sucessão de ocupação pela via que originou os Mendes e Santa’Anna, especialmente na região do Candéal, deu-se pela partilha entre familiares, que se reproduziram ao longo de cinco gerações, conforme aponta o Inventário das irmãs Francisca Romana, Maria Irenia e

<sup>43</sup> Jornal A Tarde, 20 jan. 2001.

<sup>44</sup> APEB, Judiciária, Inventário de 1881, maço 1/102/151/06.

Celestina, e pela ocupação desordenada, a partir dos anos de 1970, quando chegou luz elétrica para o Candéal.

A população cresceu, bem como a região, onde a paisagem se confundia com a de uma favela. Até a realização de obras de infraestrutura, a partir dos anos de 1990, em consequência da mobilização comunitária liderada pelo artista Carlinhos Brown, os moradores se serviam da água da bica do “seu” Júlio, cuja fonte teria servido de inspiração para a música “Água Mineral” de Brown. Aliás, a comunidade era típica de lavadeiras. Os moradores mais antigos da região dizem que, quando houve a alforria dos escravos, muitos já possuíam casas e ganharam o direito de permanecer no local. Segundo a moradora do bairro, Ivone, que se preocupa em resgatar sua história, diz ter sido o local uma senzala da Quinta do Candéal, uma fazenda que mantinha escravos. Também informa que, com o crescimento urbano, várias árvores frutíferas antigas foram sucessivamente cortadas. No Candéal, não há igrejas cristãs, mas abriga o candomblé de Angelina.<sup>45</sup> São as encruzilhadas da memória que apontam para uma forma de contar a história de um lugar repleto de paisagens guardadas e contadas através da imaginação e do conhecimento dos mais velhos e transmitidas às gerações que se seguem. E a lendária “pedra de Ogum”, trazida da África pelo muçulmano Antonio Mendes, no século XVIII, continua pulsando nos rituais protetores da Casa de Ogum, onde está guardada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BULCÃO SOBRINHO, Antônio de Araújo de Aragão. *Titulares baianos*. Salvador, [s.d.]. Datilografado. Documento do Arquivo Público do Estado da Bahia.

DÓREA, Luiz Eduardo. *Os nomes das ruas contam história*. Salvador: Câmara Municipal de Salvador, 1999.

FERRAZ, Maria Aparecida Viviani. *Liderança e Mediação da Identidade: Os Casos do Ilê e da Pracatum*. v. I e II. Universidade Federal da Bahia – UFBA / Mestrado em Administração. Dissertação de Mestrado. 2000 / 303 págs;

FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos libertos na Bahia (1870-1910)* – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006;

---

<sup>45</sup> Jornal A Tarde, 03/12/2000, p. 14

GADÊLHA, Marcelo Almeida. *Organizações Brown: identidade cultural e liderança em um complexo de organizações baianas*. 2004. Dissertação – (Mestrado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

GALILEA, Carlos. *El milagro de Candéal*. Barcelona: Grupo Editorial Random House Mondadori, 2004.

GUERREIRO, Goli. O dribble do Candéal: o contexto sociomusical de uma comunidade afro-brasileira. *Afro-Ásia*, v. 33, 207-248, 2005.

LACERDA, Ayêska Oassé Luis Paulafreitas de. *O Cacique do Candéal: estudo da trajetória artística de Carlinhos Brown e de suas relações com o mercado da música*. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Tese de doutorado, 2010;

MATTOS, Wilson Roberto de. *Negros contra a ordem: astúcias, resistências e liberdades possíveis (Salvador-Ba 1850-1888)*. Salvador: EDUNEB; EDUFBA, 2008

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia século XIX: uma Província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. *Dez freguesias da cidade do Salvador: aspectos sociais e urbanos do século XIX*. Salvador: FCEBA; EGBA, 1986. p. 29.

NEVES, Erivaldo Fagundes. *Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio: um estudo da história regional e local*. 2. ed. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, 2008.

OLIVEIRA JUNIOR, João Pereira. *Processos educativos, força identitária e mobilização comunitária na luta pela moradia no Candéal Pequeno: Programa Tá Rebocado*. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2004.

REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. *A família negra no tempo da escravidão: Bahia, 1850-1888*. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2007 (Tese de Doutorado), 2007.

ROCHA, Cristiany Miranda. *Histórias de famílias escravas: Campinas, século XIX*. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2004.

SLENES, Robert. *Na Senzala Uma Flor: esperanças e recordações na Formação da Família Escrava*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999;

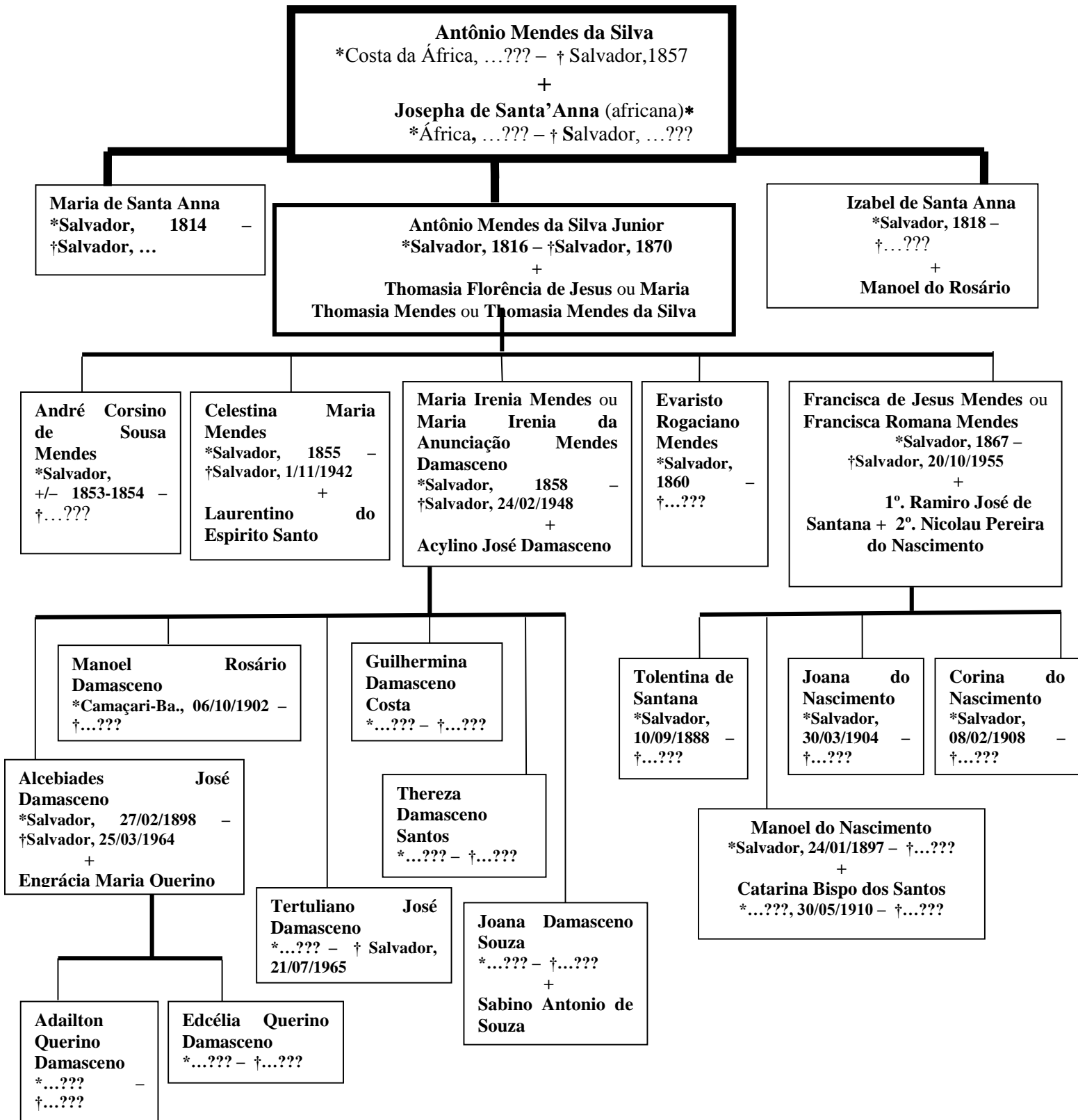
VILHENA, Luís dos Santos. *A Bahia no século XVIII*. Bahia: Ed. Itapuã, 1969. v. 1-3.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. *Sonhos africanos, vivências ladinas: escravos e forros em São Paulo (1850-1880)*. São Paulo: Hucitec: 1998;

Data de recebimento: 19/08/2014.

Data de aceite:

APÊNDICE – Estudo da genealogia da Família Mendes e Santa'Anna



## MARIA DAS GRAÇAS DE ANDRADE LEAL

\* Trata de um estudo preliminar da genealogia da família africana Mendes e Sant'Anna baseado nos testamentos, inventários e escrituras dos anos de 1855, 1857, 1872, 1896, 1961, 1962.